



Publicado originalmente em: IX EREGEO – Encontro Regional de Geografia. Novas territorialidades – integração e redefinição regional. Porto Nacional, julho de 2005.

TRABALHO DE CAMPO COMO RECURSO DIDÁTICO: ROTEIROS E METODOLOGIAS PARA O ESPAÇO URBANO DE CATALÃO.

Ronaldo da Silva¹ – UFG – Campus de Catalão
ronaldogeo@hotmail.com

Laurindo Elias Pedrosa² – UFG – Campus de Catalão
lepedrosa@catalao.ufg.br

INTRODUÇÃO

O trabalho de campo é um método didático conhecido e ao mesmo tempo um precioso recurso para a ação pedagógica, particularmente em disciplinas como geografia, história e biologia. Além dessa designação, ele também recebe outras denominações como: estudo do meio, visita a campo, aula a campo etc. A melhor sistematização sobre a importância da natureza e do contato direto com ela no processo educativo vem de um clássico – Rousseau em Emílio.

Mas, hoje novas preocupações e sugestões metodológicas precisam ser consideradas. Estudantes nas escolas cumprem, muitas vezes, uma série de atividades teóricas, conceituais e genéricas que desconsideram o seu próprio ambiente natural e construído. A rua, o bairro, a vizinhança do aluno são dados sensoriais imediatos e também dados intelectuais sobre os quais é possível formar bases sólidas para a dedução e indução na constituição de um sólido conhecimento empírico e teórico da realidade. Nesse sentido, o trabalho de campo, uma vez bem planejado e construído com a incorporação dos alunos na elaboração se revela uma rica ferramenta de ensino em aulas de geografia, seja no ensino fundamental, médio ou superior.

É comum nas aulas de geografia, os alunos estudarem lugares distantes e famosos como cidades globais – São Paulo, Nova York, Paris - ou exóticos e pouco habitados como as montanhas do Nepal, o deserto gelado da Sibéria e o deserto quente do Saara. Os



livros didáticos anseiam apresentar diversas paisagens e paragens do espaço mundial aos alunos. Há aspectos positivos nessa abordagem, mas pode ser danoso para o conhecimento, por abstrair o espaço local, de convivência e também de conflitos no qual o aluno está inserido e, pode ser ainda mais desestimulante caso o professor não tenha uma atitude pedagógica crítica e inovadora face às limitações do livro-texto. É comum ver paisagens e contextos sócio-ambientais do aluno serem desconsiderados como uma fonte de descobertas, prazeres, curiosidades e perspectivas para novos saberes.

COTIDIANO, TEORIA E APRENDIZAGEM NO ESTUDO DO MEIO

O contexto espacial do aluno³ deve ser analisado e estudado para que ele possa melhor compreender as suas raízes, os problemas locais e regionais no que tange a economia, cultura, vida política e as bases fisiográficas do seu meio – relevo e hidrografia, vegetação, clima etc. No entanto, Cavalcanti (2002) adverte que,

A observação é uma atividade seletiva, pois depende de requisitos do observador. A seleção de elementos observados, por exemplo, é feita com base em instrumentos conceituais e na sensibilidade de quem observa. Trata-se de uma habilidade que pode ser desenvolvida na escola, e particularmente na Geografia, que tem nas formas espaciais (paisagem) um primeiro nível de análise do próprio espaço. (CAVALCANTI, 2002, p. 82).

Por exemplo, são mais de 5000 mil municípios em todo o Brasil. Os livros didáticos retratam realidades regionais mais amplas e as cidades regionais, particularmente as capitais estaduais e outras cidades médias que articulam redes urbanas em torno de si. Porém, a realidade é que a grande maioria dos municípios abrigam pequenas cidades como suas sedes. Estas milhares de pequenas cidades não aparecem no livro didático. Elas são retratadas abstratamente como primos distantes em realidades regionais amplas. É necessário então que trabalhos de campo interdisciplinares sejam feitos nas escolas tanto para preencher esta lacuna dos livros didáticos como também porque o estudo do meio é uma excelente metodologia de ensino. E mais, conhecer bem o próprio lugar é uma ferramenta na construção da cidadania.

Na escola as aulas de geografia devem ensinar o aluno à “re-ver” o seu espaço cotidiano com um olhar mais atento. No dizer de Paulo Freire, passar da curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica. Do rearranjo dos elementos da natureza em face de



ocupação humana, o capital imobiliário, o poder público, empresas diversas, as famílias e até o trânsito, passando pela poluição ambiental, tudo isso deve constar da compreensão do aluno sobre o seu espaço. Com estas demandas é possível fazer aqui um questionamento. Hoje as aulas de geografia e a escola levam o aluno a ter uma visão completa, complexa e dinâmica do seu habitat?

Portanto, o estudo do lugar no trabalho de campo deve ser resgatado nos projetos político-pedagógicos das escolas. Às vezes o aluno mora no mesmo bairro da escola, mas, não foi convidado a pensar sobre a dinâmica e o papel do seu bairro no espaço urbano da cidade em que vive. Ele pode conhecer empiricamente, ir aos lugares como mercearias, açougues, campo de futebol, praça, visitar os amigos, porém, pode desconhecer por completo a trama societária e conflituosa que produz e reproduz o espaço urbano e nele o seu próprio bairro. Talvez uma aula a campo com a retirada dos alunos do espaço da escola fazendo-os caminhar pelo bairro e levando-os a reaprender olhar os espaços banais que eles julgavam conhecer já revele a importância do estudo do meio como ação pedagógica cidadã. Cavalcanti (2002) faz uma importante contribuição ao analisar a importância de conhecer a cidade:

Os temas da cidade e do urbano são conteúdos educativos que propiciam aos alunos possibilidades de confronto entre as diferentes imagens de cidade, as cotidianas e as científicas. O tratamento desses temas permite ao professor explorar concepções, valores, comportamentos dos alunos em relação ao espaço vivido, além de permitir também analisar a gestão da cidade a partir da experiência dos alunos; permite ainda trabalhar com o objetivo de se garantir o direito à cidade. (CAVALCANTI 2002, p. 16)

Planejamento e participação dos estudantes na elaboração da atividade de campo estimulam a iniciativa e a atividade intelectual dos alunos. O roteiro, os lugares a ser visitados, a relação da visita com os conteúdos trabalhados nos livros, devem ser cuidadosamente selecionados e analisados. Há ainda outros fatores como a segurança e um maior aproveitamento do estudo do meio caso ele reúna várias disciplinas e seus professores. Sem dúvida, há uma dificuldade estrutural nas escolas e mesmo na Universidade para realização de estudos do meio.

Falta transporte, seguro, verbas e outros materiais como filmadoras, gravadores, binóculos entre outros itens importantes para os trabalhos em campo. A prática



corrente é a união de professores e alunos esforçados que levantam dinheiro junto a pais ou patrocínios para pagar o deslocamento.

Embora seja louvável este esforço, muitos professores entendem a aula a campo como sendo uma viagem distante do cotidiano do aluno. Contudo, um passeio a pé pelo próprio bairro em que se localiza a escola ou então no centro da cidade por transporte público pode se revelar uma excelente oportunidade pedagógica para analisar e refletir sobre as estruturas, formas e funções espaciais que os alunos vivem no seu cotidiano, mas cuja historicidade e dinâmica desconhecem.

É preciso tomar um cuidado especial para que o trabalho de campo não se torne apenas um passeio turístico agradável e exótico. O planejamento, o engajamento dos alunos, a proposição de saberes, habilidades e competências e a avaliação delas antes, durante e a após a “visita-ação” podem garantir êxito na medida em que vincula prazer e aprendizado. Antes da excursão campal com os alunos, o professor deve fazer uma visita ao lugar sempre que possível. O olhar dos alunos deve ser instrumentalizado ainda na escola durante a aula para a leitura da paisagem.

A documentação do estudo do meio através de áudio, vídeo e fotografias, além de causar o prazer da lembrança, é uma ferramenta importante para a elaboração do relatório após a aula. Mais do que isso, representa o registro formal e sistematizado da experiência e do aprendizado.

Nesta altura da problematização faz-se necessário discorrer um pouco mais sobre o papel da integração interdisciplinar no estudo do meio. A realidade é una e indivisível e tem a virtude de ser mais rica do que nossas percepções e conceitualizações sobre ela. São as disciplinas escolares e acadêmicas que parcelam o real. E com isso, de acordo com a epistemologia atual – Edgar Morin⁴, há perdas e ganhos. Para reduzir as perdas, a integração disciplinar tem sido uma prática corrente na escola a partir dos anos 90, no entanto muito negligenciada nos trabalhos de campo. Por exemplo, um passeio com os alunos no centro da cidade com os professores de história, geografia e letras pode ser muito rico.

O professor de história pode tratar do simbolismo das ruas, de seu nascimento, evolução, tratar de estilos arquitetônicos entre outros elementos. Na geografia o professor poderia mostrar a funcionalidade da paisagem urbana ao conjugar formas atuais e



pretéritas, a relação com o meio ambiente, a dinâmica do tráfego e a conjugação de intervenções públicas planejadas e não-planejadas na composição da paisagem urbana. Em língua portuguesa, a leitura e linguagem dos corpos físicos, bem como de placas, outdoors, propaganda, letreiros de lojas poderiam revelar curiosidades da linguagem estudada em sala, na verdade é a língua viva nas ruas. É claro que muito mais poderia ser feito, o exemplo aqui esboçado busca apenas ilustrar algumas das possibilidades do estudo do meio. Por fim, é importante estabelecer pesquisas para investigar e registrar essa prática pedagógica – o estudo do meio/aula a campo.

ESTUDOS DO MEIO EM CATALÃO

Catalão é uma cidade com uma população de aproximadamente 70 mil habitantes, localiza-se a 260 km de Goiânia, sendo atualmente uma das cinco mais ricas economias do Estado de Goiás. Desde o final da década de 70 empresas mineradoras exploram no município, nióbio e fósforo sendo que há também titânio, cassiterita e terras raras. Nos últimos três anos as mineradoras verticalizaram a produção investindo no conjunto cerca de U\$ 200 milhões e gerando mais de 1000 novos postos de trabalho. Entre 1998 e 2005 a Mitsubishi Motors Company investiu em Catalão cerca de U\$ 200 milhões em uma montadora de automóveis, tendo com isso gerado em empregos diretos e indiretos também mais de 1000 empregos.

Atualmente o grupo GEFAC – Grupo de Empresas Associadas Serra do Facão- busca implantar uma usina hidrelétrica, que, se concluído o projeto, totalizará mais U\$ 150 milhões. Há ainda diversos outros investimentos menores. O fato é que a cidade passa por intensas transformações sócio-econômicas e ambientais⁵. No caso dessa hidrelétrica há muitas controvérsias e contestais sobre a necessidade, viabilidade e impactos sócio-ambientais.

Juntamente com este cenário há hoje aproximadamente 8 mil alunos na rede municipal e 12 mil na rede estadual, além de cursos técnicos diversos (SENAI e SENAC) e ainda duas instituições de ensino superior, sendo que uma delas, o Campus da UFG conta com 07 cursos de graduação, entre eles, o de Geografia. Há muitas novidades, problemas e



alternativas para esta cidade e, todo esse processo afeta a vida dos alunos política e cognitivamente.

Logo os professores de geografia são desafiados a ministrarem aulas mais problematizadoras e instigantes. Nesse contexto sócio-econômico e ambiental, de rápida transformação da paisagem, as aulas a campo podem melhor ajudar alunos e professores a entender o seu cotidiano, as opções de políticas públicas e intervir na realidade, nos projetos e debates sobre ela.

Portanto, é com essa preocupação que une de um lado a importância pedagógica e epistemológica do trabalho de campo como recurso didático e de outro as céleres mudanças do espaço social e ambiental de Catalão a pesquisa e a prática das aulas a campo se colocam como mais necessárias ao aprendizado e ao desenvolvimento da cidadania. É preciso valorizar a dinâmica da vida cotidiana nos estudos escolares (portanto o estudo do meio) Castrogiovani (2000) faz um alerta e uma denúncia:

Existe ainda pouca aproximação da escola com a vida, com o cotidiano dos alunos. A escola não se manifesta atraente frente ao mundo contemporâneo, pois não dá conta de explicar e textualizar as novas leituras de vida. A vida fora da escola é cheia de mistérios, emoções, desejos e fantasias, como tendem a ser as ciências. A escola parece ser homogênea, transparente e sem brilho no que, se refere a tais características. (CASTROGIOVANI 2000, p. 13)

Em rumo a uma proposta prática, cabe não apenas realizar mais estudos do meio nas escolas de Catalão mas também registrar mais sistematicamente essa custosa empresa pedagógica. O uso de uma câmara filmadora para gravar os roteiros e a atividade proposta e a construção de um memorial em foto e vídeo dessas atividades pode ser um estímulo permanente a novos desafios em estudos do meio e o incentivo ao estabelecimento dessa prática rara hoje em dia em uma atividade freqüente na escola.

Há dois caminhos interessantes a serem utilizados para o incentivo das atividades de estudos do meio. Uma é criar roteiros prévios de trabalho de campo e ofertá-los a escolas e professores de geografia. Outra é registrar trabalhos bem sucedidos realizados pelos professores a algum tempo. Vários roteiros podem ser filmados e oferecidos como possíveis trabalhos de campo como por exemplo: **1**- visita ao distrito industrial de Catalão, **2** - visita as mineradoras e ao futuro distrito químico-industrial, **3** - conhecendo bairros em Catalão, sua



especificidade e papel no sistema urbano, **4** - visitas ao centro da cidade, a lugares e monumentos históricos e ainda o **5** - roteiro as margens do Rio Paraíba onde se projeta construir uma usina hidrelétrica. Há ainda outras possibilidades.

A idéia aqui esboçada busca preparar textos e filmagens de roteiros para facilitar e estimular professores das escolas a desenvolver estudos do meio com trabalhos práticos já com uma sistematização prévia de desafios e possibilidades. As imagens assumiram nos últimos 20 anos cada vez um papel mais relevante no ensino, Barbosa (1999) destaca muito bem o papel dos filmes e imagens na educação contemporânea:

O papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos. Trata-se, portanto, de um movimento de apropriação cognitiva da relação espaço-imagem e, principalmente, da criação de sujeitos produtores de conhecimento e reconhecimento de si mesmos e do mundo. (BARBOSA 1999, p 109)

Por isso, um estudo e um esforço em torno de práticas pedagógicas estabelecidas no estudo do meio por professores e ao mesmo tempo a proposição de rotas e novas oportunidades para enriquecer as aulas e os conhecimentos dos alunos sobre Catalão pode ser de grande valia para as aulas de geografia e até mesmo para outras disciplinas. Com isso, além de uma investigação sobre ensino existente na área de estudos externos das escolas seria possível também produzir um material didático-pedagógico auxiliar para essas atividades – roteiros, textos e vídeos.

A tarefa que os Cursos de geografia poderiam prestar em assistir escolas e secretarias municipais de educação em estudos do meio é imensa. Mas ao fazê-la estreitaria mais a relação Universidade-escola. Os alunos dos Cursos, futuros docentes poderiam aprender muito com essas práticas ao mesmo tempo que se preparam para a docência contribuem para a vida escolar. Analisar e acompanhar criticamente trabalhos escolares e acadêmicos em Geografia sobre estudo do meio, produzir material e metodologias que amparem essa prática pedagógica demandaria

- 1) Participar da elaboração e execução de visitas a campo propostas por professores de geografia da rede estadual;



- 2) Escrever roteiros, textos e produzir vídeo sobre rotas de trabalhos de campo em geografia possíveis de serem realizados nas cidades e no entorno regional.
- 3) Elaborar metodologias e instruções para trabalhos didáticos disponibilizando-os a comunidade escolar;

UMA PROPOSTA METODOLÓGICA

Uma ampla revisão bibliográfica que discute o tema do estudo do meio como uma ferramenta de ensino e aprendizagem se impõe. Dos clássicos Rousseau e J. Dewey passando pelas propostas contemporâneas, interligando cidadania e ambientes - natural e construídos, patrimônios culturais e ambientais etc. Visitas devem ser feitas a algumas escolas da cidade para fazer um levantamento de possíveis trabalhos de campo a serem realizados na disciplina de geografia ao longo do ano. Os trabalhos devem consistir em visitas no perímetro urbano, municipal e regional próximo. Quando o professor for realizar o trabalho de estudo do meio, o estagiário universitário deverá entrevistá-lo, participar do planejamento e da própria atividade. A aula a campo será filmada e documentada em vídeo para análise e arquivo da pesquisa.

Os estagiários deverão voltar à escola após o trabalho de campo para entrevistar alunos sobre conhecimentos e habilidades desenvolvidas na execução da atividade. O estudo também poderia acompanhar trabalhos de campo realizados nas universidades posto que sua “memória” do estudo é quase sempre feita em relatórios escritos por alunos mas, falta uma documentação melhor sistematizada em áudio e vídeo.

Além de acompanhar alguns trabalhos de campo e documentá-los os alunos dos Cursos de Geografia, orientados pelos professores, podem criar roteiros alternativos para o desenvolvimento de outros estudos do meio. Após estudar roteiros com temáticas urbanas, ambientais e da industrialização, esses caminhos seriam filmados e a sua potencialidade dentro das temáticas citadas seriam exploradas. Seria feito documentário em vídeo, texto e roteiro dessas aulas alternativas, consistindo ao final em uma fonte de consulta para professores e estudantes- um memorial de estudos do meio.

BIBLIOGRAFIA



CALLAI, H. C. **O ensino em estudos sociais**. São Paulo: Ed. Unijuí. , 2002. (Coleção Ensino de 1º grau). p. 150.

CANAU, V. M. **A didática em questão**. 15. ed. Ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 128 p.

CARLOS, A. F. A. **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Ed. Contexto, 1999. (Repensando o ensino). p. 144.

CASTROGIOVANNI, A. C. **Ensino de Geografia**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. Mediação, 2002. p. 173.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Ed. Alternativa. 2002. 127 p.

COELHO, I. M. **Realidade e utopia na construção da Universidade**. Goiânia: Ed. UFG. 1996. 155 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra. 1997.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários a Educação do Futuro**. Ed. Cortez, 2001

PEDROSA, L. E.. **A apropriação do relevo urbano e suas implicações sócio-ambientais: um estudo de caso em Catalão (GO)**. 2001, 151 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

Revista Terra Livre. **As transformações no mundo da educação**. Ed. Associação dos geógrafos brasileiros. São Paulo, 1999; Jan.-Julh. p. 128.

RUA, J; *et al.* **Para ensinar geografia**. Rio de Janeiro: Ed. Acess. 1993. 311 p.

SILVA, R. da. **A implantação da Mitsubishi em Catalão: estratégias políticas e territoriais da indústria automobilística nos anos 90**. 2002. 138 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

VEIGA, I. P. A. **Técnicas de ensino: Por que não?** Campinas: Ed. Papirus 1991. Coleção Magistério: (Formação e trabalho pedagógico). 149 p.

¹ Professor do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Goiás e Coordenador do Curso Pós-Graduação em Metodologia do Ensino de Geografia no Campus de Catalão. Mestre em Geografia pelo IESA -Instituto de Estudos Sócio-ambientais – UFG.



² Professor e Coordenador do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Goiás - Campus de Catalão. Mestre em Geografia junto ao programa de Pós-Graduação do Instituto de Geografia – Universidade Federal de Uberlândia e diretor da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB Seção Catalão).

³ CALLAI (2002), VEIGA (1991), COELHO (1996) RUA et al (1993)

⁴ Os sete saberes Necessários para a Educação do Futuro

⁵ O processo de exploração do minério e da industrialização está geográfica e historicamente documentado por Pedrosa (2001) e SILVA (2002).